

**“A CRIANÇA TEM NECESSIDADE DE EXPANSÃO FÍSICA”: RECOMENDAÇÕES E PRESCRIÇÕES DE UMA EDUCADORA PARA O JARDIM DE INFÂNCIA**

*“Children need physical expansion”: recommendations and prescriptions of an educator for Kindergarten*

Ana Chrystina Venancio Mignot<sup>1</sup>

Aristeo Leite Filho<sup>2</sup>

**RESUMO**

Um caderno, datado de 1965, que traz ensinamentos dos cursos oferecidos por Heloísa Marinho, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, extremamente procurados por professoras cariocas que pretendiam dedicar-se ao jardim de infância e à alfabetização, oferece a oportunidade de investigar, nos temas tratados e nas atividades propostas, as preocupações da educadora que influenciaram na arquitetura, no interior das salas de aula, nos pátios e nos usos do tempo escolar, deste nível de ensino, preocupações essas que não prescindiram de recomendações e prescrições sobre o material escolar e os modos de preparo do mesmo, o que também pode ser visto nos livros que publicou e que expressam a sua formação e os modelos pedagógicos que, de certo modo, informaram seu olhar sobre a infância e a escolarização.

**Palavras-chave:** caderno escolar, cultura escolar, jardim de infância

**ABSTRACT**

A notebook, dated 1965, that brings teachings from courses taught by Heloísa Marinho, at Instituto de Educação do Rio de Janeiro, highly valued by teachers in Rio de Janeiro who intended to pursue a career in teaching preschool children and literacy, offers the opportunity to investigate, in the themes and activities proposed, her concerns that influenced the architecture, the classrooms, the play grounds and the school schedule, which didn't forget the recommendations and prescriptions regarding the school material and how they are assembled, which can be also found in her books that express her background and the pedagogical models that in a way informed her perception about the childhood and the school years.

**Keywords:** school notebook, school culture, preschool

“... a tarefa da educadora da infância, hoje, é dar à criança a vida que a cidade lhe roubou.”

(Heloísa Marinho)

A capa de plástico azul, transparente, que protege a capa estampada com a imagem de uma menina sorridente de olhar angelical e a contracapa, que traz o mapa do Brasil,

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências Humanas-Educação pela PUC-Rio. Pesquisadora do CNPq. Cientista de Nosso Estado pela FAPERJ. Procientista/ UERJ/FAPERJ. E-mail: acmignot@terra.com.br

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Faculdade de Educação/Departamento de Estudos da Infância. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Diretor da Escola Oga Mitá. Doutor em Ciências Humanas-Educação pela PUC-Rio. E-mail: aristeo@ogamita.com.br

com dados sobre a superfície e a população estimativa do país de janeiro de 1962, do caderno de Anna Amélia, também resguarda suas anotações de um curso, o “Curso de Jardim”. Provavelmente, a professora buscava se especializar para desenvolver o seu trabalho, em sintonia com as mais avançadas propostas pedagógicas para este nível de ensino que circularam no início da segunda metade do século passado.

Raro documento, visto que, na maior parte das vezes, encontramos, nos guardados de professoras, escritos sobre a prática docente, mas não sobre suas experiências de formação, este caderno traz ensinamentos que, certamente, foram apropriados em muitas salas de aula, uma vez que os cursos oferecidos por Heloísa Marinho, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, eram extremamente procurados por professoras cariocas que pretendiam dedicar-se ao jardim de infância e à alfabetização<sup>3</sup>.

Tudo era devidamente copiado, ilustrado, registrado: músicas para acalmar e seduzir, orientações sobre a arrumação da sala de aula, com recomendações, também, sobre a decoração, a organização do horário escolar e os equipamentos do pátio, que deveriam estar de acordo com as necessidades dos pequeninos alunos. Outros objetos indispensáveis às salas de aula, deveriam ser confeccionados pelas professoras, seguindo os passos previamente estabelecidos, eram anotados como receitas, com os modos de fazer.

Entre uma página e outra, é possível encontrar pensamentos sobre a missão do magistério: “Mestra é aquela que no fim de sua jornada ergue os olhos aos céus e numa prece murmura: – Senhor, que posso ainda fazer?”; sobre os limites da escola em sua relação com a família: “A escola não substitui o lar. Melhora apenas”; ou, ainda, sobre a própria escola, que deveria estar voltada para o desenvolvimento infantil: “A criança tem necessidade de expansão física”, o que justificava a atenção especial ao ambiente, com um material específico para cada cantinho e atividade desenvolvida no espaço escolar, que ia além da sala de aula.

Este caderno escolar, entendido na perspectiva posta por José Maria Hernandez Diaz (2002), se constitui em objeto que possibilita muito mais do que a simples descrição. É importante para a compreensão do passado, na medida em que guarda consigo um ritual de comunicação, capaz de transmitir modelos pedagógicos, que dificilmente poderíamos ter acesso por outros caminhos. A exemplo de tantos outros, oferece a oportunidade de investigar, nos temas tratados e nas atividades propostas, as preocupações pedagógicas da educadora que influenciaram na arquitetura, no interior das salas de aula, nos pátios e nos usos do tempo escolar, deste nível de ensino, preocupações essas que não prescindiram de recomendações e prescrições sobre o material escolar e os modos de preparo do mesmo.

Folhear as páginas e perscrutar estas anotações possibilita, portanto, interpretar as questões que perpassaram a formação de professoras, naquele período, que, ainda povoam o imaginário das professoras e deixam suas marcas nas práticas pedagógicas e na cultura material da escola.

---

<sup>3</sup> Sobre o caderno de Anna Amélia, ver referência ao mesmo em MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar: In *Educação em questão*. Natal: UFRN, 2006, pp. 25-41.

## Heloísa Marinho: um jardim para a infância

A primeira página do caderno, de 1965, a professora-aluna informa que ele é destinado ao curso ministrado por Heloísa Marinho no CEA – Cursos de Extensão e Aperfeiçoamento do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (IERJ). Em 1949, ali foi criado o Curso de Especialização em Educação Pré-Primária, e à frente desta iniciativa estava a educadora que se destacou no cenário educacional pelo trabalho desenvolvido em instituições de ensino, na cidade do Rio de Janeiro, responsáveis pela formação de professoras, tanto na rede pública, como é o caso do Instituto de Educação, como na rede privada de ensino com a sua atuação no Colégio Bennett e por sua produção bibliográfica sobre educação pré-escolar e alfabetização.

Esta iniciativa consolidava, na época, o Centro de Estudos da Criança – criado pelo professor Lourenço Filho, primeiro diretor do Instituto de Educação – como sendo, além de um espaço de estudos e pesquisas sobre a criança, agora um centro de formação de professores especializados em Educação Pré-Primária. O curso de especialização foi o primeiro de outros que vieram posteriormente constituir o CEA – Cursos de Extensão e Aperfeiçoamento. Nesta ocasião, Educação Pré-Primária, Iniciação Escolar Primária e Educação de Crianças Excepcionais, eram os cursos de especialização oferecidos.

As preocupações de Heloísa Marinho com o espaço físico e o material escolar, são uma tônica de seu pensamento educacional e se fazem presentes em seus livros: *Vida e educação no jardim de infância* (1960, 1966) e *Vida, educação e leitura*. (1976), o que denota sua preocupação com a organização do ambiente escolar, que na sua concepção deveria “ser flexível, ajustando-se a diferenças individuais, e a recursos existentes” (1976, p13). Isto, certamente, tem a marca de sua formação na Universidade de Chicago, nos anos de 1920, onde fez dois anos de curso fundamental (Junior College) até 1925, no Wesleyan College, Macon Georgia. Fez curso de férias, no verão de 1925, no Peabody College for Teachers, e dois anos no Senior College da Universidade de Chicago, de janeiro de 1926 a março de 1928, especializando-se em Filosofia e Psicologia. Em março de 1928, Heloísa Marinho foi diplomada pela University of Chicago. Ao completar o curso, teve a surpresa de ser a única distinguida com menção de Honors for Excellence in the Senior Colleges.

Como aluna da Universidade de Chicago, recebeu uma influência direta de Mead e indireta de Dewey; estuda no seu curso de especialização em Filosofia, com o professor T. V. Smith, História da Filosofia e dentro deste tema o curso aborda a Filosofia Americana, enfocando os seguintes autores: Santayana, James e Dewey. No curso de Psicologia é aluna do professor G. A. Mead, na disciplina Psicologia Social.<sup>4</sup>

A Universidade de Chicago, no caso específico de Heloísa Marinho, tem uma influência muito significativa no que diz respeito ao contato que ela teve com idéias e práticas pedagógicas froebelianas, pois as idéias do alemão Froebel, considerado o pai do Jardim de Infância, chegaram aos Estados Unidos por volta dos anos 50 do século XIX (Leite Filho, 1997).

---

<sup>4</sup> Dados discriminados no opúsculo apresentado ao concurso para a cadeira de Psicologia da Educação no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, 1939, p.10

O caderno de Anna Amélia materializa um “lugar de memória” da formação de professoras para a educação pré-escolar no Rio de Janeiro. Através dele podem ser identificadas concepções de criança; de educação pré-escolar e alfabetização, que circularam entre quase mil professoras que se especializaram em Educação Pré-escolar, no Instituto de Educação nos anos de 1950/1960. O curso que ela frequentou em 1965/1966 foi criado na década de 40 e ao longo das décadas de 50, no Distrito Federal, de 60, na antiga Guanabara e posteriormente, no Estado do Rio de Janeiro é a instância que vai formar todas as professoras públicas de educação pré-escolar da cidade do Rio de Janeiro. Desde o início deste curso, passou a existir quase que a obrigação em cursá-lo. Exigência essa destinadas àquelas que já eram e àquelas que desejavam ser professoras nos Jardins de Infância públicos da cidade ou nas turmas de jardim das Escolas Públicas.

Este depoimento da professora Gloria Marchezini, ex-aluna do curso de Especialização em Educação Pré-Primária do IERJ, expressa o quanto se fez reconhecido o curso do CEA do IERJ junto à rede pública de educação:

O que havia era uma pressão interna na Secretaria de Educação e só entregava-se turma de jardim para as professoras que tivessem feito o curso de dona Heloísa no IERJ (apud. (Leite Filho, 1997, p.80).

A concepção de Heloísa Marinho acerca da formação de recursos humanos para a educação infantil, explicitada no texto abaixo, demonstra, por sua vez, a sua visão sobre a escola, a pré-escola, a criança e o papel da educadora:

A renovação de métodos nasce do interesse da professora em melhorar seu trabalho. Em nossos cursos de especialização educamos a professora como a criança, para a vida pela própria vida. (Marinho, 1964, p. 61)

Exigia-se, pelo menos, dois anos de magistério para o ingresso no curso de especialização em Educação Pré-escolar no Instituto de Educação, bem como que a professora-aluna estivesse lecionando em turma de Jardim de Infância, durante o mesmo. Havia na proposta de formação de professores de educação infantil, da época, um projeto em que teoria e prática deveriam necessariamente caminhar juntas. O estágio do curso, por exemplo, era feito em grande parte na própria turma em que a professora-aluna lecionava: professoras do CEA visitavam e supervisionavam as alunas/professoras nas suas próprias classes.

As anotações de Anne Amélia datam aulas de abril de 1965 até agosto de 1966, e têm duas bases na formulação de idéias pedagógicas. Por um lado, as idéias de Froebel; e por outro, as de Dewey. E desta forma, pode-se dizer que as concepções estão dialogando com educadores que iniciaram a pedagogia ativa.

Concebendo a pré-escola como uma necessidade e não como luxo, Heloísa Marinho propõe uma pedagogia infantil. Em centros urbanos como na Guanabara, diz ela, “a tarefa da educadora da infância, hoje, seria dar à criança a vida que a cidade lhe roubou” (1964, p.59). Para a educadora “o currículo do Jardim de Infância consiste de vivências e não de aulas a serem ministradas e repetidas” (1960, p.81).

Esta visão da educação para as crianças pequenas está presente no caderno de Anna Amélia. Suas páginas deixam transparecer a pedagogia da infância proposta pela coordenadora do curso. O exemplo, talvez, mais emblemático disto sejam os constantes e recorrentes registros sobre o ambiente da sala de aula e da escola, bem como a sua organização. A proposta pedagógica expressa é a de uma educação infantil em que a atividade criadora da criança supera em valor educativo os exercícios formais do Jardim de Infância tradicional.<sup>5</sup> “No começo do século, a jardineira<sup>6</sup> ministrava educação sensorial com materiais destinados à comparação sistemática de formas, tamanhos, coloridos. A atividade da criança se restringia a obedecer às instruções da mestra.” (1960, p.219) Hoje, dizia Heloísa Marinho, a mestra incentiva a evolução natural e a criança é quem toma a iniciativa de organizar a sua própria atividade criadora.

O caderno escolar de Anna Amélia, neste sentido, é uma importante fonte de pesquisa pois, como tantos outros, é portador de “valores e sentimentos únicos, que nos aproximam de um passado nem tão distante, mas ainda pouco conhecido”, como lembrou Patrícia Coelho (2007, p. 7), ao examinar um caderno, ele mesmo, um objeto da cultura material da escola que guarda em suas páginas, os modos de pensar, sentir e registrar de outros tempos, outras professoras e outras escolas.

### Uma pedagogia para a infância

Pelas anotações de Anna Amélia, é possível percorrer as questões que povoavam este curso. Partindo da premissa que “Nossa escola é carinho, é dedicação, é valor, é vontade de contribuir ao máximo para uma educação sadia”, o seu início privilegiava o espaço físico da sala de aula. Depois da primeira aula de sensibilização, dedicada a interpretar desenhos de crianças de 4, 5 e 6 anos, a atenção se volta para a arrumação da sala de aula, com cantinhos definidos para cada atividade.

Heloísa Marinho procurava, deste modo, traduzir uma preocupação com a sala de aula adequada ao desenvolvimento infantil, tônica da Escola Nova, que, ao reivindicar uma escola que tivesse o aluno como centro, trouxe como exigência uma nova materialidade: prédios arejados, iluminados, salas alegres, enfeitadas, livros graficamente belos, objetos que permitissem a observação e a experimentação, enfim, toda uma materialidade voltada para as necessidades das crianças.<sup>7</sup>

Isto pode ser visto nas primeiras páginas do caderno, quando aparecem duas plantas baixas de salas de aula para crianças pré-escolares. Anna Amélia, certamente, desenhou, primeiro, a sua sala de aula e, em seguida, a partir das orientações do curso reorganizou o espaço da sala onde ela era professora, desenhando uma nova planta. Ressalta-se que na aula seguinte de 20 de abril de 1965, a terceira aula registrada no caderno, o tema

<sup>5</sup> Jardim de Infância tradicional é neste caso uma referência às práticas adotadas no Distrito Federal desde 1932 e que nos anos 60 ainda eram realizadas em alguns Jardins de Infância da Guanabara, tendo como orientação deturpações das idéias de Montessori e Decroly, segundo Heloísa Marinho, associadas a uma didática retrógrada usada em geral na escola primária.

<sup>6</sup> Heloísa Marinho assume ter recebido, vez por outra, uma forte influência, inclusive terminológica, de Froebel.

<sup>7</sup> A respeito de como os educadores que defenderam o ideário da Escola Nova reivindicaram uma materialidade escolar adequada ao desenvolvimento dos alunos, consultar

abordado é a “Importância da atividade criadora”, quando surge a ideia da arrumação da sala num ambiente em cantinhos.



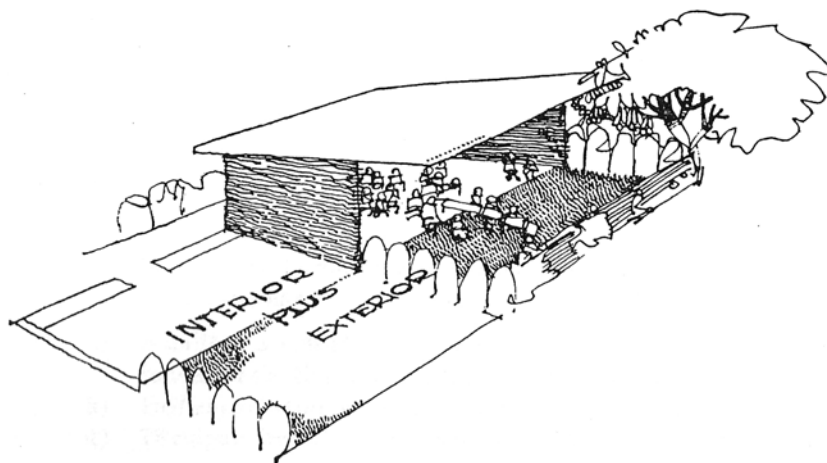
Capas do caderno de Anna Amélia, Curso de Jardim, iniciado em 1965 e do livro Vida e educação no Jardim de Infância, terceira edição, publicado em 1966.

Há muitas semelhanças entre essas páginas do caderno de Anna Amélia e o livro Vida e educação no jardim de infância (1960) de H. Marinho – onde é detalhado desde como deve ser o mobiliário da sala de aula, como deve ser arrumado, passando pela flexibilidade do horário, o preparo dos materiais, a organização das atividades na sala, atividades de livre escolha, higiene e merenda, até a disciplina. Aliás, na terceira edição do livro, em 1966, pela Editora Conquista, a orelha escrita pela própria Heloísa Marinho, esta relação entre a obra e o Curso de Especialização de Educação Pré-primária no IERJ foi explicitada:

Esta edição teve sua origem nos seminários do curso de Especialização em Educação Pré-Primária do Instituto de Educação da Guanabara. Nestas aulas, os problemas da educação infantil foram debatidos à luz da prática vivida no lar e na escola.

No livro, o prédio do jardim de infância, é objeto de preocupações: deve ter um único pavimento, a sala de atividades é a principal dependência, de modo a tornar independente a vida de cada turma, a sala tem uma metragem mínima definida, “atendendo à exigência mínima de 2m<sup>2</sup> por criança” (Marinho, 1960, p. 223). A localização dos banheiros, da cozinha, da varanda-refeitório, da varanda externa, dos observatórios, da sala de reuniões, do vestíbulo e do pátio interno ajardinado, não escaparam de seu olhar atento, uma vez que estava convencida de que “o prédio e o terreno escolar constituem importante

condição ao êxito do programa destinado à criança e sua integração social” (op.cit. p. 225). A localização da escola tem igual destaque “as áreas destinadas a crianças de 2 a 5 anos devem ser protegidas contra o tráfego e jogos movimentados dos maiores”; e, ainda a convicção de que em encosta gramada, as crianças encontram “local para rolar ou brincar de esconder na sombra de árvores amigas”, por exemplo.



237

Planta da escola reproduzida, “com permissão, do livro de L.B.Perkins e W.D. Cocking: *Schools*, New York, Reinhold Publishing Corporation, 1957”, no livro *Vida e educação no Jardim de Infância*, p. 237.

A preocupação de Heloísa Marinho remete à interpretação de Agustín Escolano acerca da arquitetura escolar, quando lembra que ela mesma é “um elemento do currículo invisível e silencioso (...) [onde] a localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende” (1998. p.45). Nesta perspectiva se pode melhor compreender a preocupação da educadora com o jardim de infância na cidade:

Em nossa bela cidade do Rio de Janeiro, a própria natureza esculpiu encostas e colinas que poderiam ser aproveitadas para a educação da criança. Necessitamos da contribuição de urbanistas, arquitetos e educadores brasileiros para criar ou adaptar planos estrangeiros ao nosso meio (op.cit, 235).

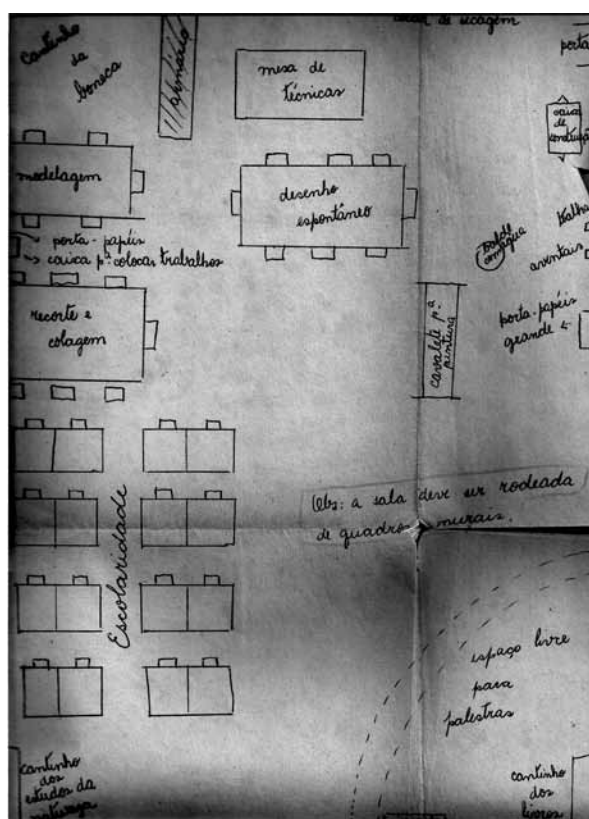
Para dar credibilidade à sua proposta, ela lança mão de argumentos de autoridade, mostrando como a questão era tratada em outros países, que, por suposto, eram mais avançados:

Na Suécia e na Inglaterra, paisagistas, arquitetos e educadores colaboram em modelar o terreno destinado à recreação infantil, ou em aproveitar acidentes naturais. Colinas,



rochas, troncos de árvores vivas ou secas com vantagem substituem aparelhos metálicos, por oferecerem incentivo à variedade de movimentos e à imaginação (op. cit, p. 227).

No caderno de Anna Amélia, recomendações e prescrições sobre a sala de aula e os aparelhos do pátio comparecem em várias anotações. Na planta da sala de aula, desenhada no caderno, estão os cantinhos da boneca, dos livros, dos estudos da natureza, das técnicas, do recorte e colagem, de modelagem, de desenho espontâneo e de material de construção.



Uma planta da sala de aula proposta no caderno de Anna Amélia.

Para cada cantinho, um mobiliário específico: estantes e mesas, com anotações dos materiais que devem compor cada um. Segundo as sugestões, deveriam ser previstos ainda: um local destinado aos portapapéis, de modo a guardar os trabalhos dos alunos, outro para uma corda de secagem de pintura, além de quadro-negro e mesa do professor, próximos do espaço livre para palestras. Duas observações, em destaque, sublinhadas, enfatizam: “50% de espaço vazio para as palestras” e “a sala deve ser rodeada de quadros murais”, o que permite perceber a importância dada à possibilidade de envolver as crianças em um ambiente alegre, enfeitado, colorido e adequado ao desenvolvimento de seus interesses e necessidades.

Anna Amélia parece anotar tudo o que é falado no curso, inclusive certos detalhes, que surgem como comentários sobre cada um destes cantinhos que prevêem uma



profusão de materiais: papel lousa, lápis cera, lápis bastão, caixas, papéis coloridos, lisos, estampados e laminados, tesoura de ponta redonda, goma, pincéis de cola, lã, sisal, botões, lantejoulas, sementes, massas, tintas, potes, aventais, trapos de limpeza, tacos de madeira, carimbos, carretéis, chapéus, roupas velhas, bolsas, máscaras, gravuras, fantoches, vasinho de plantas, estantes e esteiras no chão. Para todos eles, algumas recomendações:

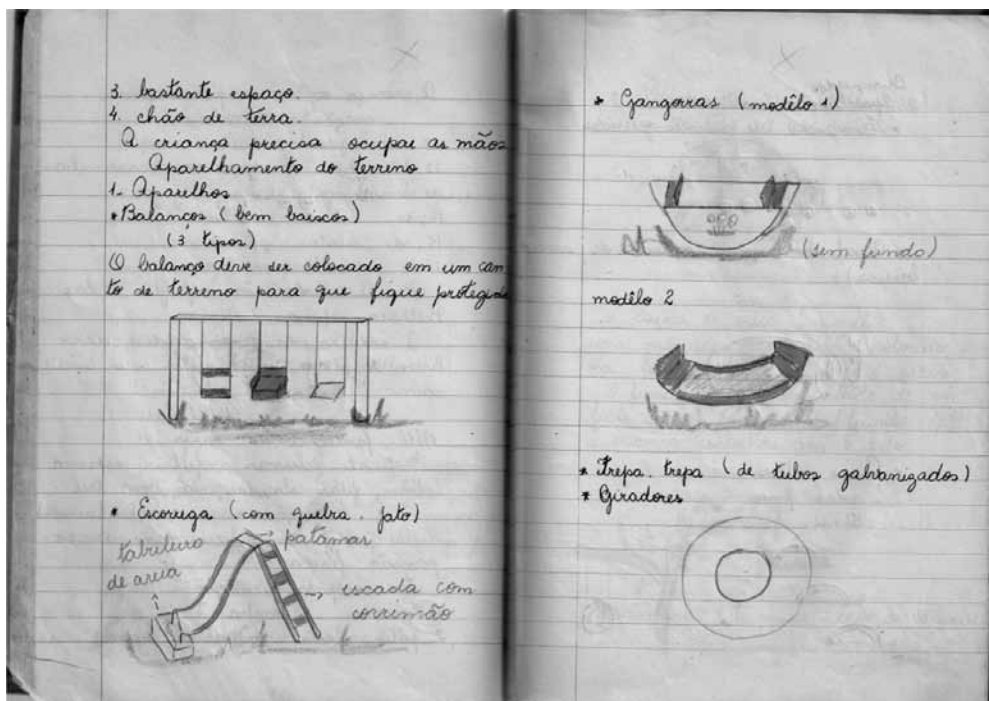
- 1) Forrar as mesas com plástico.
- 2) Colocar num lugar bem arejado da sala, uma corda.
- 3) Ter água na sala.
- 4) Toalha

As anotações sobre o espaço escolar e os objetos da sala de aula exemplificam bem duas observações feitas pelo historiador da educação José Maria Hernandez Dias: a primeira, quando afirma que tanto ontem como hoje, as paredes, o mobiliário e os utensílios da escola guardam uma ordem “convencional, imposta, casual, visível ou um sistema de relações invisível, ordenado, permitido, negociado ou desestruturado em outras ocasiões” (2005, p. 225), e, em segundo, quando explicita que os objetos traduzem a história do modo de atuar na escola, dos projetos educativos reivindicados pelo professor individualmente ou em grupo.

A partir desta perspectiva se pode interpretar a ênfase na arrumação da sala de aula proposta com zona movimentada, semi-movimentada e calma, por onde se distribuem os cantinhos. Para Heloísa Marinho, conforme registrado por Anna Amélia, esta organização do espaço da sala de aula permitiria às crianças sentir “o prazer de experimentar e descobrir as possibilidades do material”, trabalhar em grupo e formar bons hábitos, e, ao professor, uma “observação mais perfeita do desenvolvimento infantil”, o que facilitaria a organização do horário escolar, que, idealmente, seria de tempo integral, das 8 horas e 30 minutos até as 16 horas, subdividido em atividades preparatórias, merenda, atividades ao ar livre, música e história, higiene das mãos, hora do almoço (quando a criança ajuda a pôr a mesa e faz a oração e a higiene dentária), hora do descanso, livre escolha, leite e volta para casa.

Assim como no livro, onde Heloísa Marinho defendia que “a escola orientada para a educação integral não pode separar o aluno da natureza, nem tolher a sua liberdade com filas rígidas de carteiras ou mesas” (op.cit. p. 237); além de recomendações sobre o pátio, pelo caderno de Anna Amélia é possível concluir que, durante o curso, a recreação se constituía, igualmente, em objeto de preocupações, merecedor de recomendações e prescrições: o terreno deveria ter árvores que dessem sombra, o pátio coberto para os dias de chuva, bastante espaço e chão de terra, pois “a criança precisa ocupar as mãos”. Para tanto, alguns aparelhos eram indispensáveis: balanços, escorregas, gangorras, trepa-trepa e giradores e alguns brinquedos tais como trenzinho (de caixotes grandes), cavalinho (com aproveitamento de uma barrica), rola-pneus e túneis de pneus velhos, caixa de areia, caixa de areia móvel (com mosaicos de ladrilho colorido para formar figuras sobre a areia), cavalinho de meia e cabo de vassoura e caixa de recreação de papelão, enfeitada com figuras, contendo, bola leve, jogo de argolas, lenços coloridos,

corda, boliche, peteca, raquetes e bolinhas, bola de gude, chapéu de soldado, espadinha, giz e sacos de pano com milho.



Anotações do caderno sobre os aparelhos para recreação no pátio da escola.

Entendida como atividade que envolvia prazer e liberdade de execução, tinha finalidade “o interesse total da criança” e atuava “na formação da personalidade da criança”, o que exigia um mínimo de 30 minutos diários a ela dedicados, bem como algumas atitudes do professor:

- participar da atividade como membro do grupo.
- observar (as reações e sentir as deficiências)
- agir com segurança e imparcialidade.
- zelar para manter o clima de alegria.
- evitar por em evidência os mais capazes e os menos aptos.
- sugerir novas atividades todas as vezes que notar preferências para determinadas atividades.
- manter disciplina como decorrente da atividade.
- adequação das atividades ao grupo.

Pelo caderno é possível, ainda, observar que a própria organização do horário escolar devia refletir a preocupação com o desenvolvimento infantil. Podia ser flexível, visto que, “o Jardim de Infância não tem um programa rígido”. Aliás, deveria ser feito um roteiro diário, “mas com flexibilidade porque quem dita o trabalho é a criança”.

Algumas regras, no entanto, prevaleciam: “uma atividade de mais movimento devia ser revezada com atividade de menos movimento”, e respeitados os tempos próprios para cada atividade:

- 1ª atividade: rodinha de 10 a 20 min
- 2ª atividade: atividade espontânea (mínimo de 60 minutos)
- 3ª atividade: higiene das mãos e banheiros (15 minutos)
- 4ª atividade: merenda (15 a 20 min)
- 5ª atividade: higiene dentária (15 min)
- 6ª atividade: recreio (at. ao ar livre) – (30 min)
- 7ª atividade: história, palestra, jogo, música (15 min)
- 8ª atividade: repouso (15 min)
- 9ª atividade: preparação para a saída (10 min) – rodinha

Compreender o conceito de vida usado por Heloísa Marinho no título do seu livro e em vários capítulos permite que se estabeleçam relações e correlações entre o caderno de uma professora do curso de especialização do Instituto de Educação e a pedagogia para a infância proposta por Heloísa Marinho. Este fato, aliás, como aponta Lourenço Filho, na introdução do referido livro, já sugere uma orientação geral da sua proposta pedagógica: Vida para ela tem sentido de ação natural com a mais ampla espontaneidade: “todo ambiente deve solicitar a evolução natural da criança.” (1966, p. 123). O educador assinala ainda:

Aliás, o título geral do volume, ‘Vida e Educação no Jardim de Infância’, sugere essa orientação geral. Entre as situações normais de crescimento e de experiência, e as de educação, no sentido de que se fortaleçam atitudes e formas de conveniente expressão pessoal, nenhuma divisão linear deverá existir. Sobretudo, nas primeiras idades, as energias interiores deverão encontrar um ambiente favorável ao seu livre exercício. Quando FROEBEL criou o nome Kindergarten (literalmente, ‘Jardim de Crianças’), com isso imaginava situações em que elas pudessem espontaneamente crescer como se dá com as plantas em um horto.

Vida, portanto, no sentido de ação natural com a mais ampla espontaneidade (Lourenço Filho, 1966. p.14).

Sintetizando idéias de Fröebel e Dewey, por um lado Heloísa Marinho quer assegurar o desenvolvimento natural da criança, e por outro quer também ajustá-la ao social. Em sua proposta, esses dois aspectos se apóiam e se solidarizam mutuamente. Para ela, educação é um fato social e humano. Sem abrir mão da tarefa de educar (socializar), sua proposta fortalece a todo instante a vida e o natural: “todos os aspectos desta aprendizagem natural se agrupam em situações de vida” (1966, p.31):

Consiste a orientação educativa em favorecer a expressão de sentimentos e idéias, na seqüência natural do desenvolvimento infantil. O programa do Jardim de Infância não deve exigir da criança cópias predeterminadas. A educadora estimula pelo apoio compreensivo e pela organização do ambiente a evolução natural da criança. (op.cit., p.49)

### Para além das recomendações e prescrições

O “natural desenvolvimento infantil” está presente em quase todas as páginas do caderno. O arranjo “espaço e tempo” na pré-escola é sugerido como um elemento facilitador do desenvolvimento natural da criança. Os materiais, o mobiliário, a arrumação da sala e dos demais espaços da escola compõem, juntamente com a professora, uma pedagogia na qual a criança aprende pela experiência. “sensibilizar a criança em suas relações com o meio proporcionando-lhe ocasiões e modos de enriquecer suas experiências e observações”, como pode ser visto nas anotações da quarta aula registrada no caderno.

Em que pese o respeito ao ritmo da criança, o estímulo à atividade criadora, o entendimento que o erro fazia parte do processo de aprendizagem, mais do que sugerir, o curso de Heloísa Marinho tinha um caráter também prescritivo, no sentido de determinar atitudes e procedimentos bem como no sentido de indicar o como fazer das professoras. Esta idéia fica evidenciada, por exemplo, quando são apresentadas as Técnicas de Arte:

[...] dividimos as técnicas em fundamentais e de enriquecimentos. As técnicas básicas nunca deverão faltar, qualquer que seja o nível de desenvolvimento de criança no Jardim. As técnicas de enriquecimento deverão figurar, com frequência renovadas, na mesa das novidades de acordo com a maturidade dos alunos. (1966, p.160)

Em seguida, o livro Vida e educação no Jardim de Infância descreve, em detalhes, as técnicas fundamentais: desenho com lápis-cera, pintura com água, pinturas com tintas d’água, pintura a dedos, recorte e colagem, modelagem, areia, construção e carpintaria e as técnicas de enriquecimentos, como lápis-cera sobre fundo colorido, lápis-cera e lixa, lápis-cera derretido, lápis-cera e varsol, surpresa (desenho a barbante com lápis-cera), e várias outras técnicas de combinação de lápis-cera e pintura. Para cada técnica são descritos três itens, a saber: material, técnica e objetivos.

O caderno de Anna Amélia ilustra bem isto, quando aborda a mesma temática – Técnicas de Arte. Além das suas anotações de aula abordarem as técnicas, há, em seus registros, receitas de como confeccionar os materiais para desenvolver as mesmas junto às crianças. Na aula de 18 de agosto de 1965, encontramos:

#### Material

Lápis cera (estaca) Faber ou Guiwat em todas as cores inclusive preto e branco.

Tinta em pó – pó de caiação em todas as cores.

Gesso crê – também a quilos.

Cola Líquida – goma arábica a litros.

Preparação: misturar bem:

1 colher de sopa de gesso crê

2 colheres de sopa de pó de caiação

Cola líquida – o suficiente para diluí-las

1 colher de sopa de lisoforme

1 colher de sopa de glicerina (facultativo)

Adicionar água para obter a consistência desejada.

Uma observação de Lourenço Filho, na introdução do livro, permite compreender melhor a presença de tantas recomendações e prescrições salpicadas no caderno de Anna Amélia. O livro de Heloísa Marinho, diz ele, é um “guia prático que conduz à reflexão. Poderá, levar a melhor observar as crianças, a melhor compreendê-las e a estimá-las” (1966, p. 15). O valor do livro, a seu ver, residia no modo como as questões eram tratadas, isto é,

As idéias dantes dominantes na educação pré-escolar eram outras. Via-se cada criança como uma entidade isolada. Admitia-se também que seu desenvolvimento pudesse resultar de uma simples justaposição de impressões separadas. Assim sendo, falava-se de ‘educação dos sentidos’, procurando-se dá-la mediante o uso certo do material tipificado.

Ainda nos primeiros trabalhos de Maria Montessori, tão grande figura na especialidade, a educação pré-escolar era nessa forma descrita. Já em seus últimos livros, porém, veio ela a adotar a concepção atual, mais compreensiva, e que salienta a enorme importância das relações de umas com outras crianças, e as de todas, com seus educadores, pais, familiares e mestres.

O problema não é, enfim, a ‘educação dos sentidos’, mas o de contribuir para a formação de nascente personalidade, diversa em cada criança, e a exigir, em cada uma o devido respeito a atributos naturais. Nesse sentido, a formação de hábitos sadios, de interesses adequados, de atitudes emocionais que favoreçam equilíbrio serão atitudes livres e, logo, também, crescentemente coordenadas; a observação de coisas, plantas e animais; a aquisição das formas de linguagem convenientes a cada idade (op.cit. pp. 14-15).

Assim, é possível compreender melhor as anotações de aula, que se constituem em mais que um receituário de um fazer pedagógico prescrito para as professoras. Os materiais e objetos propostos para serem seguidos e imitados, privilegiam a liberdade das crianças asseguradas nas atividades de livre escolha, na possibilidade de contribuir para o seu desenvolvimento físico, intelectual e emocional, enfim, no desenvolvimento da personalidade das crianças.

### Referências

- COELHO, Patrícia. Viajando pelo mundo através do caderno de cartografia: uma proposta pedagógica de Carlos Delgado de Carvalho. In. MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org). Não me esqueça num canto qualquer. Rio de Janeiro: UERJ: Laboratório Educação e Imagem, 2007 (cd-rom).
- ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa. Espaço, escola e currículo. In. VIÑAO FRAGO, Antonio e BENITO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividad: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HERNANDEZ DIAZ, José Maria. Etnografía e historia material de la escuela. In. ESCOLANO BENITO, Agustín e HERNANDEZ DIAS, José Maria (coords). La memoria y el deseo: cultura de la escuela y educacion deseada. Valencia. Tirant lo Blanch. 2002. pp. 225-246.

LEITE FILHO, Aristeo. Educadora de educadoras: trajetória e idéias de Heloísa Marinho. Uma História no Jardim de Infância do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC/Rio, 1997. Dissertação de Mestrado.

MARINHO, Heloísa. Vida e educação no jardim de infância. Programa de Atividades. 2ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1960.

\_\_\_\_\_. Vida, educação e leitura. Método Natural da Alfabetização. Rio de Janeiro: Editora Papelaria América, 1976.

\_\_\_\_\_. A Missão da educadora no jardim de infância. Educação - Órgão da Associação Brasileira de Educação-ABE. (83/86): 59-62, 1964.

\_\_\_\_\_. Vida e educação no jardim de infância. Programa de Atividades. 2ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio e CUNHA, Maria Teresa Santos. Razões para guardar. In Educação em Questão. Natal: UFRN, 2006, pp. 25-41.

*Recebido em Março de 2011  
Aprovado em Junho de 2011*